

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXVI nº 1541 | 12/07/2021 a 25/07/2021

Tiragem desta edição 26.000 exemplares



PLANEJAMENTO

(ES)COLHENDO O CAMPO

Com receita e conhecimento, famílias retornam ao campo, após anos na cidade, para conciliar gestão do negócio e qualidade de vida

Aos leitores

Nos últimos anos, o Paraná tem assistido a um fenômeno que é bastante comum, há décadas, em países da Europa. As cidades do interior do Estado, principalmente próximas a áreas rurais, estão consolidando um processo de urbanização rural. Em outras palavras, estão se criando ambientes propícios para a permanência local e/ou retorno de pessoas a partir de uma infraestrutura condizente com as necessidades econômica, social e profissional.

A matéria de capa desta edição do Boletim Informativo trata deste movimento. A partir de uma série de histórias, vamos mostrar que o processo de urbanização rural está permitindo que muitas famílias retornem às suas origens. Mais do que simplesmente voltar para sua cidade natal, elas podem trabalhar em negócios rurais que geram renda, muitas vezes superior à da cidade, empregos, desenvolvimento e conhecimento.

Esse “êxodo invertido” não é um movimento isolado. Ao contrário, a tendência de retorno para o meio rural, principalmente em busca de mais qualidade de vida, tem se tornado assíduo, como registrado nas páginas desta revista. E isso é muito importante para a sociedade. Afinal, o urbano e o rural não estão em disputa, ambos fazem parte do todo que faz a roda da vida girar.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Nelson Natalino Paludo, Nery José Thome e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita
Diretor Financeiro: Paulo José Buso Júnior e Ivo Pierin Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Gerson Magnoni Bortoli.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | **Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla (Fetaep), Rosanne Curi Zarattini (Senar AC), Darcy Piana (Fecomércio) e Nelson Costa (Ocepar) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto | **Superintendência:** Débora Grimm

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal
Projeto Gráfico e Diagramação: Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach
Contato: imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1541:

Fernando Santos, William Goldbach, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE

DE VOLTA AO CAMPO

Famílias deixam a cidade e voltam a viver da terra, com mais renda e qualidade de vida

PÁG. 18

ADEUS A UM LÍDER

FAEP lamenta falecimento de Nelson Paludo, um dos principais nomes do setor agropecuário do Paraná

Pág. 3

ALERTA

Sistema FAEP/SENAR-PR recomenda série de cuidados a sojicultores que usam a nova semente da Bayer

Pág. 4

REDE DE PESQUISAS

Projeto de monitoramento hidrológico vai levantar dados para ajudar no manejo e conservação do solo

Pág. 10

COMPETIÇÃO

Olimpíada Rural utiliza recursos tecnológicos para testar conhecimentos dos alunos dos programas JAA e AAJ

Pág. 14

SUSTENTABILIDADE SINDICAL

Sindicato Rural de Bituruna diversifica serviços oferecidos e amplia número de associados

Pág. 24

Nelson Paludo: ícone na liderança rural do Paraná

Dirigente era vice-presidente da FAEP, presidente da Comissão Técnica de Cereais, Fibras e Oleaginosas da entidade e também presidente do Sindicato Rural de Toledo

O sistema sindical paranaense e a agropecuária estadual perderam uma das suas principais lideranças. No dia 5 de julho, Nelson Natalino Paludo, 65 anos, faleceu em decorrência de complicações causadas pela Covid-19, em um hospital de Toledo, na região Oeste, onde estava internado havia algumas semanas. Paludo era vice-presidente da FAEP, presidente da Comissão Técnica de Cereais, Fibras e Oleaginosas da entidade, presidente do Sindicato Rural de Toledo, além de um dos principais produtores da região Oeste do Estado.

Ele esteve ligado ao sistema sindical paranaense e à defesa dos interesses dos produtores rurais do Estado nas últimas décadas, comandando o Sindicato Rural de Toledo desde 2001 e reeleito para o cargo em abril deste ano. Paludo também era vice-presidente da FAEP pela segunda gestão, tendo participado de diretorias anteriores da entidade em outros cargos.

“Paludo foi um grande companheiro. Sempre muito atuante, ativo e participativo, ele ajudou em muitas conquistas para a agropecuária do Paraná. Com certeza, o setor, a FAEP e os produtores rurais perdem uma importante liderança, mas que deixa um enorme legado”, destacou Agide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Um desses legados é o novo prédio do Sindicato Rural de Toledo. São 1,2 mil metros quadrados, com destaque para um auditório moderno, capaz de abrigar 150 pessoas, e diversas salas para abrigar outras entidades representativas de produtores. A ideia é que o produtor tenha todos os serviços que precisa em um único lugar. Outra contribuição de Paludo



é infraestrutura e a logística para o escoamento da produção agropecuária da região Oeste. Com atuação de Paludo junto a prefeitura local, muitos quilômetros de estradas rurais foram asfaltados.

O vice-presidente da Comissão Técnica de Cereais Fibras e Oleaginosas e presidente do Sindicato Rural de Maringá, José Antônio Borghi, também lamentou a partida do companheiro de lutas. “Muito triste. Era um líder, um representante realmente fiel dos agricultores paranaenses. Um baita de um parceiro, que nos deixa como legado a importância de ser comprometido com as instituições ligadas à agricultura. Acho que nos resta, como companheiros, segurar mais fortemente ainda as bandeiras que ele defendia, tentando prestigiar o legado que ele deixou”, afirmou Borghi.

Para o vice-presidente do Sindicato Rural de Toledo, Nelson Gafuri, uma das principais características de Paludo era a habilidade de ouvir e transformar as ideias em ações.

“Nelson Paludo foi um líder sindical indiscutível, sempre disposto a ouvir os produtores rurais e assumindo compromissos com o setor e com o sindicato, aos quais ele dedicou sua vida. Foi um grande parceiro e uma pessoa admirável”, afirmou Gafuri.

O presidente do Sindicato Rural de Medianeira, Ivonir Lodi, destaca a atuação de Paludo nas lutas dos agricultores paranaenses. “Nós, de Medianeira, tínhamos o senhor Nelson como um ícone de liderança. Lutamos várias batalhas juntos em prol da agricultura, às vezes em Brasília, como foi o caso do Código Florestal, e ele sempre foi um daqueles que puxou a frente dessas lutas. Ele sempre foi um exemplo. Pessoa muito ponderada e firme quando decidia alguma coisa. Ele vai fazer muita falta no nosso núcleo”, afirmou Lodi, referindo-se ao Núcleo Regional dos Sindicatos Rurais do Oeste do Paraná (Nurespop), do qual ambos faziam parte.

FAEP alerta para uso de semente de soja *Intacta 2 Xtend*

Nova biotecnologia oferece proteção contra seis lagartas e exige cuidado redobrado na aplicação do herbicida dicamba

A nova biotecnologia em semente de soja *Intacta 2 Xtend*, desenvolvida pela Bayer, começou a ser comercializada no Brasil na safra 2021/22. A novidade faz parte de uma plataforma biotecnológica para a oleaginosa, reunindo ferramentas para o produtor rural que compreendem genética e técnicas de manejo, além de indicação de produtos.

A *Intacta 2 Xtend* é uma terceira geração de biotecnologia que substitui a cultivar *Intacta RR2 PRO*, lançada em 2013, e que atualmente corresponde à 80% da área plantada do Brasil. A *RR2 PRO* já possuía tolerância ao herbicida glifosato e conferia proteção contra quatro lagartas da cultura da soja: falsa-medideira (*Chrysodeixis includens*), lagarta-da-soja

(*Anticarsia gemmatalis*), lagarta-da-maçã (*Chloridea virescens*) e broca-das-axilas (*Crociosema aporema*). Com as modificações genéticas, a nova semente passou a ter proteção também contra a *Helicoverpa armigera* e à *Spodoptera cosmioide* e ao herbicida dicamba.

Segundo a Bayer, a biotecnologia atinge um novo patamar, pois continua cumprindo as metas de sustentabilidade e produzindo com menos recursos. No entanto, o produtor rural deve ficar atento aos cuidados e recomendações para aplicação dos herbicidas, principalmente o dicamba – muito utilizado no combate a plantas daninhas como corda-de-violão, caruru, picão-preto e buva.

“O dicamba pertence a uma classe de herbicidas chamados hormonais ou auxínicos. É uma classe que promove o crescimento desordenado dos tecidos das plantas, causado por alterações em processos bioquímicos e fisiológicos, culminando com a morte das plantas”, explica Ana Paula Kowalski, técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR. “Caso as recomendações de rótulo e bula não sejam estritamente cumpridas, seu potencial de dano é muito maior em culturas sensíveis, como frutas e hortaliças, ou cultivares de soja não tolerantes”, complementa.



Cuidados na aplicação

Quando aplicado da forma incorreta, por condições climáticas desfavoráveis ou utilizando equipamentos inadequados, mal regulados e/ou calibrados, os danos do dicamba podem ser irreversíveis e de alto impacto na produção. Outro ponto é a volatilidade do dicamba. O tipo de formulação do produto comercial à base desse herbicida tem relação direta com os efeitos da pulverização.

“A eficácia agrônômica indicada pela Bayer ocorre no uso associado ao glifosato sal potássico, que continua sendo a principal ferramenta para controle de plantas daninhas. O uso com glifosato sal de amônio e sal isopropilamina não é recomendado, pois aumenta a volatilidade”, ressalta a técnica do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Ainda, produtores rurais devem ficar atentos às características do produto a ser utilizado com a *Intacta 2 Xtend*, de acordo com as recomendações do fabricante. Formulações antigas com dicamba na forma de sal de DMA possuem alto potencial de volatilidade e aumentam o risco de toxicidade para cultivos sensíveis e não tolerantes. “A Bayer recomenda exclusivamente o uso de produtos à base de dicamba com sal de DGA, que é menos volátil. É fundamental que o produtor tenha o suporte de uma assistência técnica para avaliar a real necessidade de uso da biotecnologia e, no caso de adotá-la, para recomendação adequada do herbicida,

80%

esse é o percentual da área plantada no Brasil com a cultivar *Intacta RR2 PRO*

seguindo os protocolos corretamente”, destaca Ana Paula.

Para reduzir os riscos de volatilidade e deriva, o produtor rural deve adotar uma bordadura de 50 metros entre a área de aplicação e culturas sensíveis, conforme especificado na bula do produto, além da proibição de aplicação aérea. Mesmo a *Intacta 2 Xtend* sendo tolerante ao dicamba, a aplicação deve ser feita apenas até o plantio.

Outras recomendações do fabricante são o treinamento dos operadores de pulverização em segurança na aplicação do dicamba; uso de redutor de deriva e volatilidade indicado pela empresa; e uso de pontas de pulverização e pressão de trabalho que gerem gotas grossas ou ultra grossas. Ainda, quando os pulverizadores não são utilizados exclusivamente para a soja tolerante numa mesma propriedade rural, é preciso dobrar os cuidados nas lavagens interna e externa dos equipamentos.

Planejamento

O amplo controle de plantas daninhas na cultura da soja é um dos pilares da nova *Intacta 2 Xtend*. Dessa forma, o uso da biotecnologia é apropriado para os casos em que os produtores tenham dificuldade no manejo destas plantas. No entanto, a orientação é que, antes de fazer a compra, o produtor tenha um planejamento adequado e conheça a realidade da sua lavoura.

“Há uma série de cultivares convencionais ou com outras biotecnologias associadas para escolha junto às empresas produtoras de sementes. Essas cultivares atendem os produtores que não possuem dificuldade de controle de plantas daninhas de folha larga e que adotem outras boas práticas agrícolas, como o Manejo Integrado de Pragas [MIP] para controle das lagartas”, destaca.

A Embrapa, por exemplo, mantém ativos os programas de melhoramento de soja convencional, *RR* e *Intacta RR2 PRO*. No Paraná, a entidade possui parceria com a Fundação Meridional para fomentar esses programas e disponibilizar no mercado sementes com diferentes tecnologias, permitindo variedade de escolha ao produtor rural. “Independentemente da tecnologia a ser utilizada, é fundamental que os produtores rurais se organizem junto aos produtores de sementes para que as demandas por essas cultivares possam ser atendidas dentro do prazo para o plantio”, aconselha Ana Paula.



Projeto aplicado em Arapoti conquista prêmio internacional



Casal de bovinocultores de leite Nico e Ellens Biersteker ao lado da mestranda Jéssica Quirino Silva

Sistema adotado pela mestranda em agronomia **Jéssica Quirino Silva** em fazenda leiteira de ex-alunos do PER venceu competição que envolveu participantes de 140 países

A mestre em agronomia Jéssica Quirino Silva, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), venceu o *Planet of Plenty Awards*, premiação global da empresa Alltech, que reconhece iniciativas que “promovem um planeta mais abundante”. O projeto premiado foi implantado em uma propriedade leiteira, no município de Arapoti, pertencente ao casal de bovinocultores de leite Nico e Ellens Biersteker, ambos formados no Programa Empreendedor Rural (PER), do Sistema FAEP/SENAR-PR.

A dissertação de mestrado da médica veterinária tratou sobre o diagnóstico precoce de mastite em bovinos. O estudo buscou detectar de maneira precoce a ocorrência da doença mastite em vacas leiteiras, com o objetivo de reduzir o uso de antibióticos e os possíveis impactos ambientais do descarte do leite com resíduos do medicamento. Com a pesquisa, o consumidor terá acesso a um produto de melhor qualidade e os produtores, acesso a uma forma mais sustentável de tratamento da mastite.

“A pesquisa contribui para várias fazendas com a redução do uso de antibióticos, por meio de uma produção mais sustentável. Pensar em sustentabilidade é pensar no macro, em fazer o bem, contribuir para o produtor e a sociedade”, comemorou Jéssica.

“Foi uma alegria muito grande. Parece que não caiu a ficha ainda. Quando a gente recebe um prêmio assim parece que todo o esforço e suor gastos são, de alguma forma, reconhecidos e recompensados”, comemorou Nico Biersteker, um dos proprietários da fazenda. “Não imaginávamos que iríamos ganhar, pois eram 140 países participando. Na nossa cabeça, isso tornava meio ‘impossível’ de vencer”, complementou.

A tecnologia alvo do projeto já é utilizada há algum tempo na propriedade (ver mais na página ao lado). O projeto pôde medir os resultados que proporciona.



Projeto premiado foi implantado na propriedade leiteira do casal Biersteker

Laboratório

A propriedade vencedora, com 200 hectares, aloja mais de 350 vacas Jersey em sistema de confinamento e ordenhadas automaticamente por robôs. O controle de mastite nos animais é feito por meio do chamado laboratório *On Farm*. Nesse local, as amostras das vacas doentes são colocadas em análise para identificar exatamente que tipo de mastite. Em 24 horas, o resultado sai e, com isso, é possível segregar e saber com exatidão o medicamento mais adequado para cada caso.

“Com isso, muitas vezes descobrimos que não precisamos nem mesmo usar antibiótico. Acabamos optando por produtos mais amigáveis com o meio ambiente e que aumentam o bem-estar dos animais”, ressaltou Biersteker. “Não é tanto o fato de economizar, mas ser mais assertivo na cura. E, claro, isso também reflete numa redução nos nossos custos”, completou.

Prêmio

Tradicionalmente, a premiação é uma viagem para os Estados Unidos, para apresentar a iniciativa vencedora em uma grande conferência. A princípio, o encontro está marcado para 2022, com as datas ainda a depender da evolução do controle da pandemia de Covid-19.

Casal já foi tema de matéria

Nico e a esposa foram personagens da reportagem de capa da edição 1500 do Boletim Informativo, que circulou durante o Encontro de Empreendedores e Líderes Rurais, em novembro de 2019. Na matéria, o casal contou os desafios de começar um negócio e como viabilizar a empresa. Esse material está disponível na seção Outras Edições, no site www.sistemafaep.org.br.



Produtores querem pecuária cada vez mais sustentável

Em reunião da Comissão Técnica da Bovinocultura de Corte do Sistema FAEP/SENAR-PR, integrantes priorizam ações que permitam o crescimento econômico, social e ambiental da atividade

A sustentabilidade foi a principal palavra-chave elencada pelos integrantes da Comissão Técnica (CT) de Bovinocultura de Corte do Sistema FAEP/SENAR-PR em reunião realizada no dia 7 de julho, de forma remota. Pecuáristas de todas as regiões do Estado se encontraram pela primeira vez em 2021 para definir as prioridades e ações do grupo. Entre os temas levantados, a questão que perpassou os avanços considerados importantes é seguir em um caminho de produção de carne cada vez mais sustentável, a partir do tripé econômico, social e ambiental.

Rodolpho Botelho, presidente da CT, enfatizou que buscar a sustentabilidade vai muito além da competição entre modelos orgânico e convencional. “Temos inúmeras ações possíveis para, por exemplo, reduzir aplicações de produtos químicos nas pastagens e nos próprios animais. Temos que olhar com prioridade para insumos biológicos, de produção *on farm* [na própria propriedade], contra o carrapato, a cigarrinha da pastagem e outros problemas do tipo. Tudo isso faz parte de processo agropecuário mais sustentável. Tenho acompanhado produtores que usam produtos biológicos na pecuária, com resultados muito interessantes”, revelou.

O diretor-executivo do Fundo de Desenvolvimento da Agropecuária do Estado do Paraná (Fundeppec-PR), Ronei Volpi, também bateu na tecla da sustentabilidade. Para o dirigente, as práticas nessa direção são a chave para o desenvolvimento de todas as pecuárias, da produção de bovinos, aves, suínos, peixes e outras proteínas animais importantes. “Termos como bem-estar animal, conservação do meio ambiente, carbono zero estão no nosso cotidiano e que, sem dúvida, devem tomar boa parte dos nossos esforços dentro e fora da porteira”, recomendou.

O diretor de extensão do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná), Nelson Harger, integrou a programação como palestrante e agradeceu a contribuição do Sistema FAEP/SENAR-PR em diversos projetos desenvolvidos em conjunto. Harger citou como exemplo o Manejo Integrado de Pragas nas lavouras de soja (MIP-Soja) e o Programa Pecuária Moderna. “Até um tempo atrás, a palavra sustentabilidade estava somente dentro de algumas entidades, como o Sistema FAEP/SENAR-PR, Embrapa, Emater e outras. É uma satisfação vermos todo o setor produtivo engajado. É um marco, uma mudança de paradigma”, analisou.



Custo de produção na mira dos produtores de suínos

Primeira reunião de 2021 da Comissão Técnica de Suinocultura da FAEP com a nova gestão debate desafios da atividade



Os desafios enfrentados pela suinocultura atualmente, como o impacto dos insumos para alimentação animal nos custos de produção e a imprevisibilidade do mercado, estiveram entre os temas discutidos na primeira reunião da Comissão Técnica (CT) de Suinocultura da FAEP em 2021, realizada por videoconferência no dia 8 de julho. A ocasião serviu para que os criadores integrantes da CT, representantes das principais regiões produtoras do Estado, se conhecessem, se conhecessem, uma vez que a Comissão passou por reestruturação e a indicação de novos membros. Na gestão 2021/24, Deborah de Geus, de Tibagi, será a presidente da comissão, com Wienfried Matthias Leh, de Guarapuava, como vice-presidente.

Médica veterinária com atuação profissional em agroindústria e em consultoria, Deborah retornou à atividade familiar da suinocultura no Paraná há dez anos. No início da reunião, a presidente destacou o momento atual da atividade, no qual preocupam os altos custos com a alimentação animal, principalmente soja e milho. “O gargalo hoje é a matéria-prima. Temos um mercado incerto e sem previsão de baixa para os insumos”, apontou.

Após uma rodada de apresentações entre os participantes, a técnica do Sistema FAEP/SENAR-PR e responsável pela CT de Suinocultura, Nicolle Wilsek, explicou aos presentes a estrutura de funcionamento, o regimento, além das conquistas

que já foram alcançadas por meio destas reuniões. “É a partir desses encontros que nós conseguimos receber as demandas pontuais das diferentes regiões produtoras do Estado e encaminhar as medidas necessárias. Temos alguns frutos práticos, como o grupo de trabalho de javalis, e medidas de apoio às Cadecs, que surgiram de demandas trazidas nessa comissão”, explicou.

Na sequência foram apresentados aos presentes os dados do último levantamento de custos de produção da suinocultura realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR e comparado ao histórico de um ano atrás. Esse trabalho é feito há mais de uma década, colhendo dados juntos aos produtores, revendedores de insumos e equipamentos nas regiões Oeste, Sudoeste e nos Campos Gerais, com objetivo de levantar os componentes do custo de produção em diferentes regimes (independente ou integrado) e modalidades de produção; como crechário, ciclo completo, unidade produtora de terminados (UPT), de leitões (UPL) e de leitões desmamados (UPD).

De um modo geral, a atividade sofre com a alta expressiva dos grãos no início de 2021, e mesmo reajustes nos preços do animal ocorridos neste período não foram suficientes para compensar a alta destes insumos. Os detalhes desse levantamento estão nas páginas do Boletim Informativo 1540. Os levantamentos completos podem ser acessados no site www.sistemafaep.org.br, na seção Serviços.

Um olhar científico para o solo e a chuva

Projeto de monitoramento hidrológico vai levantar e sistematizar dados para ajudar a definir as melhores técnicas de manejo e de conservação nas mesorregiões do Paraná

A premissa é óbvia e todo homem do campo já nasce sabendo: a agricultura depende de um solo de qualidade. Por isso, os cuidados com a terra são essenciais para o desenvolvimento da atividade de forma contínua e sustentável. Quando, no entanto, a agricultura é conduzida sem práticas conservacionistas, pode provocar alterações no regime hidrológico de encostas – como a redução da infiltração e o aumento do escoamento de água na superfície. Tudo isso, além de empobrecer o solo, também pode gerar impactos negativos, como contaminação da água, assoreamento de rios e enchentes nas cidades. De olho nesses aspectos, o Paraná consolidou uma rede de monitoramento hidrológico, com objetivo de levantar dados concretos de acordo com cada mesorregião e ajudar a estabelecer as principais técnicas de manejo para cada localidade.

Conduzido pela Rede Paranaense de Agropesquisa, o projeto de monitoramento hidrológico nasceu da convergência de demandas levantadas a

partir do Núcleo Estadual da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo (Nepar) e de seminários promovidos pelo Sistema FAEP/SENAR-PR ao longo dos anos, em todas as regiões do Paraná. Com a identificação da necessidade de obter dados de forma sistemática e contínua, o Sistema FAEP/SENAR-PR propôs a criação de um fundo para financiar as pesquisas. Foram investidos R\$ 12 milhões: metade bancada pelo SENAR-PR e metade por recursos públicos, por meio da Fundação Araucária e da Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti), do governo do Paraná.

Iniciada em 2016, a rede se debruçava sobre um problema concreto: apesar do avanço da agricultura conservacionista, principalmente a partir da disseminação do plantio direto, ao longo das últimas quatro décadas houve o aumento do volume de escoamento superficial, ou seja, da água da chuva que não infiltra no solo e escoou pela superfície – conforme apontavam estudos científicos da época. Esse fenômeno aumentou não somente em

razão de manejos inadequados do solo, mas também das mudanças climáticas ocorridas no período.

“Esse escoamento superficial comanda uma série de processos de degradação do solo. Não só erosão, mas perda de nutrientes e de matéria orgânica. Por outro lado, ocasiona problemas para a sociedade, como o assoreamento de rios e aumento da possibilidade de enchentes”, explica engenheiro agrônomo Jean Minella, professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que desenvolve um projeto semelhante no Rio Grande do Sul e presta consultoria à rede de monitoramento hidrológico do Paraná.

“Os estudos sobre erosão hídrica que foram conduzidos no Paraná nas décadas de 1980 e 1990 mostraram que o plantio direto se destacou como uma excelente prática para melhorar a qualidade do solo e controlar suas perdas. Porém, os mesmos estudos mostravam que a eficácia não era a mesma no controle das perdas de água”, diz o agrônomo Gustavo Henrique Merten, professor da *University*



of *Minnesota Duluth*, nos Estados Unidos, e que integra a rede paranaense. “Então, a pesquisa parte dessa premissa, sendo necessário, no entanto, quantificar esses efeitos sob diferentes solos e regime de chuva no Paraná”, acrescenta.

Concepção científica

Para quantificar o volume de água que infiltra no solo e o quanto se converte em escoamento superficial em cada região do Paraná, o projeto de monitoramento hidrológico foi concebido com base em um modelo científico consolidado a partir de protocolos internacionais, especialmente nos Estados Unidos. Desenvolvida por Minella e Mertem, a metodologia amplia os campos de estudos, como forma de minimizar eventuais distorções e oferece um cenário próximo do que o agricultor encontra no campo. Enquanto nas Ciências Agrárias esse tipo de estudo é conduzido, tradicionalmente, em canteiros de três por 20 metros, a rede ampliou a análise para o que cha-

mam de mega-parcelas (área de um a dois hectares), ao longo de bacias hidrográficas. Foram instaladas sete estações de monitoramento, em seis mesorregiões do Paraná.

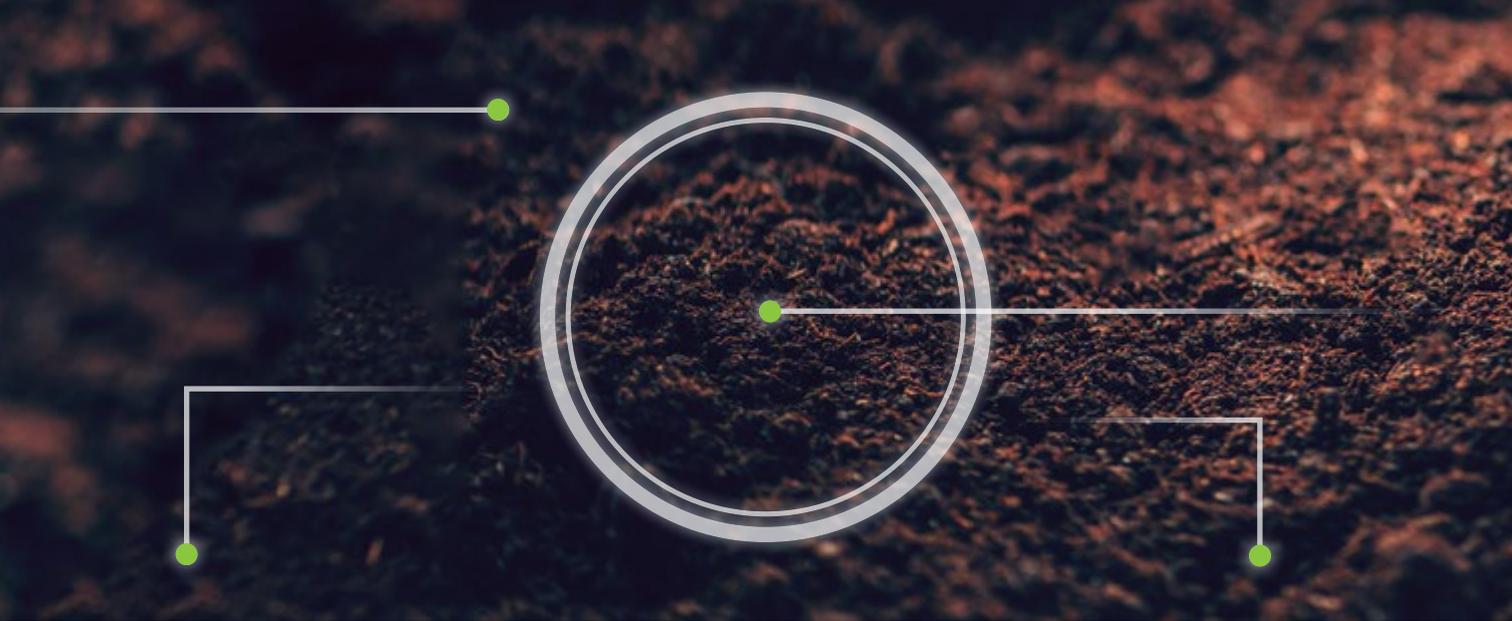
“É um monitoramento em uma escala maior, que capta bem o perfil da região e que oferece um panorama muito próximo do que o agricultor enxerga na lavoura dele”, resume Minella. “Nesse trabalho, além de fazer a modelagem dos dados, são realizados cursos de hidrologia aplicada à conservação de solos, voltados às equipes da rede. Ou seja, estamos criando uma expertise. Enquanto outros Estados adaptam dados a partir de curvas de dados feitas nos Estados Unidos, nós estamos criando conhecimento”, diz o engenheiro agrônomo Cleverton Andreoli, professor da Isae e integrante da rede de monitoramento.

Monitoramento

Os pesquisadores estão de olho em três grupos de indicadores. No primeiro, o monitoramento se volta

às chuvas, aos índices de água que chegam e em que intervalos de tempo. Após as precipitações, por meio de equipamentos, como linígrafos, calhas parshall e vertedouros, as equipes conseguem quantificar com precisão o volume de escoamento superficial. Por fim, a partir de análises química e física de amostras, é possível aferir a erosão provocada pelas chuvas, considerando sedimentos e nutrientes carregados pela água. “A água que não infiltra, acaba escoando. E dependendo do volume, escoo em uma velocidade que causa degradação, por causa da energia cinética que há nisso”, aponta Minella.

Para isso, a rede de monitoramento hidrológico dispõe de equipes que somam mais de 40 pessoas, treinadas para fazer essas medições. Sempre que chove, esses técnicos precisam ir a campo, independentemente de as precipitações ocorrerem de madrugada ou em finais de semana. “Os eventos de chuva e escoamento são monitorados de maneira presencial. Então, durante as chuvas, o pessoal de campo



coleta amostras de água para análise de qualidade, verificam o funcionamento dos instrumentos automáticos e registram informações, como altura do escoamento que vem das lavouras e do nível do rio na bacia de cabeceira”, exemplifica Merten.

O levantamento dos dados é importante porque o banco de dados vai revelar um diagnóstico preciso de cada mesorregião. A partir disso, os pesquisadores podem definir, por exemplo, as melhores técnicas de manejo para cada uma delas, com vistas à preservação da qualidade do solo. “Cada região tem um conjunto de fatores que precisam ser considerados para definir a melhor estratégia. Não há uma receita única. Com os dados, vamos poder definir uma estratégia para cada região”, observa Minella.

“Os dados vão permitir que o Paraná possa praticar uma agricultura com menor impacto ambiental por meio do controle da erosão hídrica. Essas mesmas técnicas também vão contribuir para o aumento da disponibilidade hídrica dos

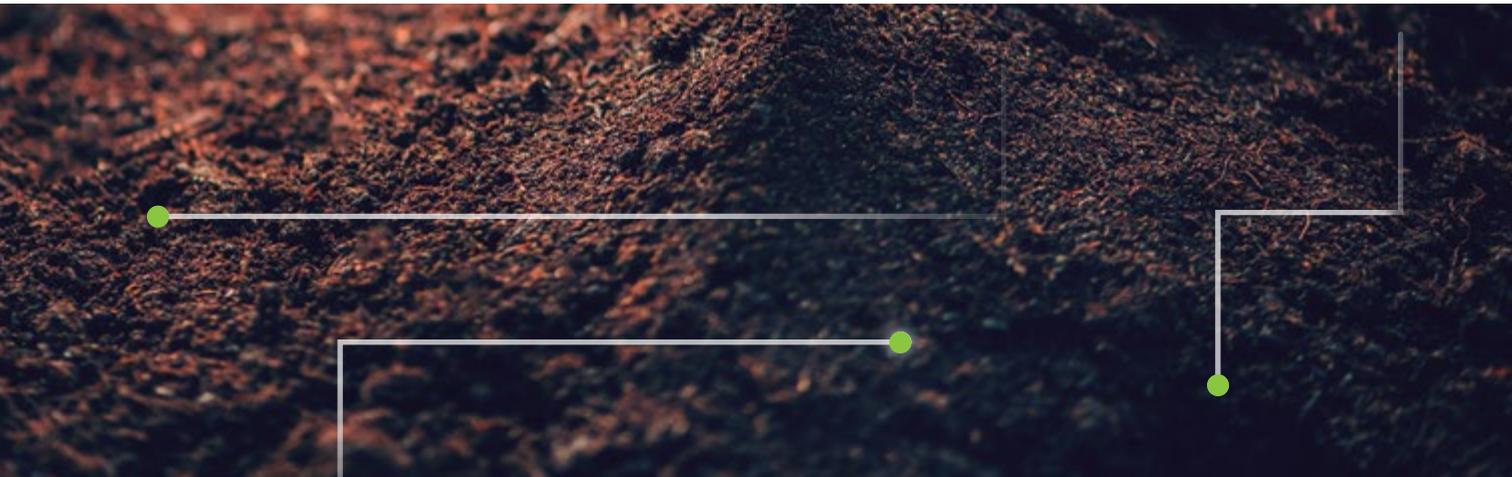
solos e dos cursos d’água. Além de produzirem alimentos, os agricultores também poderão se tornar produtores de água de boa qualidade, o que beneficia toda a sociedade”, observa Merten.

Além disso, a rede de monitoramento hidrológico promoverá uma série de projetos de extensão, com a realização de seminários por meio dos quais os dados levantados serão compartilhados com produtores rurais de cada mesorregião, envolvendo universidades, o Sistema FAEP/SENAR-PR e o governo do Paraná, por meio da Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seab) e do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – Iapar – Emater (IDR-Paraná).

“Cada região tem um amplo programa de extensão. A Seab fez com que toda as regiões tivessem um técnico do IDR-Paraná junto aos pesquisadores, promovendo uma integração. Vamos ter dias de campo, seminários e outros eventos entre pesquisadores, extensionistas e o pessoal da linha de frente”, aponta Andreoli.

“Os dados vão permitir que o Paraná possa praticar uma agricultura com menor impacto ambiental por meio do controle da erosão hídrica”

*Gustavo Merten,
professor da University
of Minnesota Duluth*





Conselho dos produtores de cana-de-açúcar, açúcar e álcool do Estado do Paraná / **CONSECANA-PR**

RESOLUÇÃO Nº 04 - SAFRA 2021/2022

Os Conselheiros do Consecana-Paraná reunidos no dia 29 de junho de 2021 na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprovam e divulgam a projeção do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2021/2022, que passam a vigorar a partir de 01 de julho de 2021.

PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - MÉDIA DO PARANÁ - SAFRA 2021/22 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mix	Média
AMI	0,31%	78,53
AME	40,97%	67,81
EAC - ME	0,05%	3.051,39
EAC - MI	25,47%	3.084,71
EA - of	0,02%	3.860,95
EHC - ME	3,42%	2.360,74
EHC - MI	28,89%	2.728,78
EH - of	0,89%	2.895,81

Obs: 1) EAC - ME + MI + of 25,53% 3.085,12
EHC - ME + MI + of 33,20% 2.695,34

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mix	Média
AMI	0,31%	0,8904
AME	40,97%	0,7719
EAC - ME	0,05%	1,0735
EAC - MI	25,47%	1,0853
EA - of	0,02%	1,3584
EHC - ME	3,42%	0,8668
EHC - MI	28,89%	1,0019
EH - of	0,89%	1,0633
Média		0,9246

Obs: 1) EAC - ME + MI + of 25,53% 1,0854
EHC - ME + MI + of 33,20% 0,9897

PROJEÇÃO DO PREÇO DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676 kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	100,96	112,77
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	100,96	112,77

Maringá, 29 de junho de 2021

DAGOBERTO DELMAR PINTO / Presidente

ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO / Vice-presidente

Olimpíada Rural tem inscrição aberta até 30 de setembro

Atividades serão no formato *online*. Alunos dos programas JAA e AAJ que quiserem participar da disputa precisam se inscrever no site do Sistema FAEP/SENAR-PR



Os alunos dos programas Aprendizagem de Adolescentes e Jovens (AAJ) e Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), do Sistema FAEP/SENAR-PR, já podem fazer a inscrição para participar da Olimpíada Rural 2021. O período para incluir o nome na lista de competidores vai de 12 de julho a 30 de setembro. As inscrições devem ser feitas por um formulário, cujo *link* será enviado diretamente aos alunos pelos seus respectivos instrutores. No envio serão repassadas mais informações sobre como participar.

Pelo segundo ano consecutivo, por consequência das dificuldades impostas pela pandemia do novo coronavírus, as atividades vão ocorrer de forma *online*. Isso inclui as pro-

vas da primeira etapa e também a segunda fase da disputa, na qual os 75 melhores colocados fazem um estudo de caso agropecuário abrangendo conteúdos aprendidos no JAA e AAJ. Posteriormente, as equipes gravam um vídeo sobre como foi feito o trabalho.

“Em tempos de pandemia, se tornou ainda mais importante interagirmos por meio das ferramentas disponíveis. Não podemos deixar os percalços impedirem a continuidade do intercâmbio de informações entre as regiões do Estado. O conhecimento precisa seguir seu fluxo para que todos se mantenham no caminho do desenvolvimento”, reflete Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Memória do Campo

A Olimpíada Rural é promovida todos os anos pelo Sistema FAEP/SENAR-PR para estimular, entre os jovens, o empreendedorismo e a inovação no campo. Além de valorizar o empenho e dedicação dos alunos, a competição visa promover a integração entre participantes dos programas AAJ e JAA de diferentes regiões, além de proporcionar maior contato dos jovens com ferramentas tecnológicas.

Regiane Hornung, técnica do Sistema FAEP/SENAR-PR e responsável pelos programas JAA e AAJ, avalia que a modalidade a distância tem proporcionado bons resultados à Olimpíada. “Temos uma equipe exclusiva dedicada a responder às dúvidas dos participantes e acompanhar as etapas. Foi uma adaptação que toda a equipe assimilou e, assim, tem sido possível dar continuidade ao trabalho”, aponta.

Como funciona

A Olimpíada Rural envolve uma competição entre os alunos do AAJ e JAA, em que se aplicam os conhecimentos que aprenderam durante o ano, além de serem avaliados por questões mais subjetivas, como trabalho em equipe, capacidade de relacionamento, liderança, entre outros aspectos. O objetivo é preparar esses jovens para o mercado de trabalho e também colaborar para a formação de cidadãos conscientes.

Em 2021, no ato da inscrição, o candidato precisa gravar um vídeo, de até dois minutos, com uma apresentação do porquê ele/ela deve participar da segunda fase da Olimpíada. Depois, os participantes poderão fazer as provas de português, matemática e contexto rural, que serão aplicadas entre 1º e 15 de outubro. Os 75 melhores colocados nessa prova vão à segunda fase, cujo resultado será divulgado no fim de outubro.

Os 75 finalistas serão divididos em 15 equipes de cinco membros cada uma. As divisões terão grupos criados no *WhatsApp* e um tutor para passar as atividades que os participantes precisam cumprir. Basicamente será um estudo de caso envolvendo uma propriedade rural. Cada grupo precisa gravar um vídeo explicando como foi desenvolvido o trabalho. A banca de avaliação dos trabalhos, formadas por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR, vai ocorrer em novembro e o resultado divulgado na sequência.

Premiação

Cada membro das equipes vencedoras receberá uma unidade das seguintes premiações:

- 1º lugar: *Smartphone*
- 2º lugar: Caixa de som portátil
- 3º lugar: *Headphone Bluetooth* com microfone
- 4º lugar: *Smartwatch*
- 5º lugar: *SmartTV* de 23,6" polegadas



Cuidando do solo

A preservação do solo sempre foi imprescindível a uma agricultura eficiente e produtiva. Em razão disso, o Sistema FAEP/SENAR-PR vem priorizando o tema ao longo de sua história. Não à toa, os cuidados com o solo foram destaque em diversas edições do Boletim Informativo. Uma dessas oportunidades se deu há 11 anos, em março de 2010, quando o assunto foi capa da edição 1089.

Na ocasião, em cinco páginas, a reportagem abordou o Programa de Gestão Ambiental de Microbacias, destacando diversas iniciativas para o controle de erosão, integrando os manejos de solo e água. Além disso, a matéria também alertou os produtores em relação aos riscos que um solo degradado traz à atividade. Ainda, o SENAR-PR lançou uma cartilha disseminando a importância do plantio direto, estimulando agricultores do Paraná a aderirem à prática.

O solo continua tendo espaço de evidência para o Sistema FAEP/SENAR-PR. A entidade apoia iniciativas como a Rede Paranaense de Agropesquisa e o Programa Integrado de Conservação de Solo e Água do Paraná (Prosolo). O SENAR-PR, por sua vez, dispõe de vários títulos voltados ao tema em diversas culturas, inclusive na modalidade Ensino a Distância (EaD).

BAAARLE

A CIDADE COM DUPLA NACIONALIDADE

**A briga entre dois nobres
concedeu o título de fronteira
mais confusa do mundo**

O melhor de uma viagem é aproveitar ao máximo o seu tempo e conhecer o tanto de lugares que conseguir. Os turistas que se dispõem a conhecer Baarle encontram uma surpresa: a cidade pertence tanto a Bélgica quanto a Holanda. E não, a cidade não é repartida ao meio, como alguns imaginam. A história transformou a cidade em um território muito disputado entre os países, o que acabou resultando no título de fronteira mais confusa do mundo, mas que funciona bem.

Oficialmente, o que acontece é que a cidade Baarle-Nassau, na Holanda, abriga cerca de 30 enclaves belgas (uma região da Bélgica fora do território natal, mas encrustada em outra nação), que é conhecido como Baarle-Hertog.

Para entender melhor a história, é preciso voltar alguns séculos, quando a cidade nem era cidade, mas um conglomerado de ducados e principados feudais na Idade Média, no século XII. Duas famílias tomavam conta das terras da região antes de existir um reino.

Algumas eram do duque de Brabante e outras propriedade da Dinastia Nassau. Em 1831, a Bélgica declarou-se independente da Holanda. Isso dificultou a vida dos regimes que se instauraram posteriormente, pois algumas famílias apoiavam Brabante e outras a instauração na nova nação com os Nassau. Os governantes ficaram anos sem definir o que seriam suas jurisdições.

A fronteira só veio a ser definida, enfim, em 1995. E ainda confunde quem é de fora. Quem a visita, se depara com



marcas no chão por todos os lugares. Literalmente, a fronteira divide casas e comércios. É mais do que possível ir a um mercado, pegar suas mercadorias na Holanda e pagar a conta na Bélgica. É preciso ficar atento às letras que aparecem ao lado das faixas demarcativas: “NL” para Holanda e “B” para Bélgica

As marcações das fronteiras foi um método para o governo e locais administrarem melhor a cidade, já que está sob jurisdição de dois países. Ainda, a cidade possui duas prefeituras, duas

câmaras municipais que precisam conversar entre si quando há uma decisão a ser tomada no quesito infraestrutura, duas forças armadas, duas paróquias, e por aí vai.

Língua

O idioma holandês é o único em comum em ambas as cidades, mas ainda há sotaque e a diferença cultural. A diversidade da cidade também está na arquitetura das casas, que se

identificam usando a bandeira de seu país correspondente. O deslocamento dos cidadãos não é problema, já que a maioria possui dupla cidadania, ainda que os dois países sejam integrantes da União Europeia e do Acordo de Schengen, que permite a livre circulação entre os países participantes.

Entre toda essa confusão, a harmonia toma conta das ruas, que atrai turistas do mundo todo. A cidade é exemplo de como duas nações podem conviver juntas sem conflitos.



Da cidade ao campo

Agropecuária se consolida como opção de vida a famílias que voltam a viver da terra, atraídas por questões econômicas e sociais

Por Felipe Aníbal

Por mais de 20 anos, **Rosana Aparecida Gabardo Pallu**, de 40 anos, se destacou como confeitadeira, em Mandirituba, Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Apesar de ter feito fama preparando bolos para festas de casamento e de aniversário, ela vivia à beira do estresse. Cansada da vida na cidade, Rosana optou por uma mudança radical: há dois anos, trocou a cozinha pelas estufas de morango. O negócio deu tão certo que ela já dobrou o cultivo, de 10 mil para 20 mil pés. O marido José Marcos, que era metalúrgico, pediu demissão da empresa e passou a trabalhar com exclusividade na produção de morangos. Agora, o casal tem mais qualidade de vida e, de quebra, conquistou uma renda maior.

“Apesar de ser uma cidade pequena, eu vivia estressada com a rotina. Eu sempre quis morar no campo e sempre fazia cursos do SENAR-PR e da Emater [hoje, IDR]. Um dia, fiz um de hortifruticultura e me encantei com os morangos. A gente comprou a terra aos poucos, demorou para a gente conseguir ter o próprio negócio, mas estamos muito felizes. Minha renda melhorou. A qualidade de vida conta muito também. Aqui é água de poço, a casa não tem vizinho e é rodeada de mato. É natureza e ar puro”, diz a fruticultora.

Histórias como a de Rosana são cada vez mais comuns e comprovam que o setor agropecuário se consolidou como alternativa economicamente atrativa para quem quer qualida-



Depois de colhidos, os morangos são selecionados, antes de serem distribuídos a consumidores da região ▲



► Rosana Pallu realizou o sonho de viver no campo, com mais renda e qualidade de vida. Em dois anos, ela já dobrou a produção de morangos, em sua pequena propriedade, em Mandirituba, na RMC

de de vida e ter seu próprio negócio, desde que a estruturação seja bem planejada. Como o Censo 2020 foi adiado pelo governo federal, não há dados que apontem se essa migração da cidade ao campo chega a se firmar como um fluxo migratório. Ainda assim, o fato é que o setor agropecuário e o desenvolvimento das cidades do interior têm garantido condições para que as pessoas não precisem se mudar aos grandes centros: as alternativas estão ali, no setor rural.

De um lado, as evoluções tecnológicas e o avanço em obras de infraestrutura mudaram a cara do campo. As estradas, a oferta de energia elétrica e o acesso à internet contribuem para conectar o meio rural às cidades. Além disso, a profissionalização e a tecnificação otimizaram os processos produtivos. Some-se a isso a pujança do setor agropecuário, que vem garantindo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e saldo positivo na balança comercial do país. Ou seja, são motivos de sobra que credenciam o campo como alternativa de vida.

“O setor evoluiu muito e, hoje, conceitos como agricultura de precisão e agricultura digital são realidades. Além de contribuir com a economia do país, o homem do campo tem qualidade de vida e excelentes perspectivas de renda. O jovem não precisa mais fazer a vida na cidade grande. Pode ser muito bem-sucedido no campo e o Sistema FAEP/SENAR-PR é um ponto de apoio para que ele consiga isso”, ressalta o presidente da entidade, Ágide Meneguette.

“Além de ser o setor mais resiliente da economia, a agropecuária tem crescido nos últimos anos. A tecnificação e a infraestrutura têm aproximado, cada vez mais, o campo da cidade, provocando uma mudança de perfil. As pessoas do campo têm acesso a bens e à cultura de uma forma que não tinham décadas atrás. Em muitos casos, a migração aos grandes centros deixa de ser atrativa. Tudo de que a pessoa precisa encontra no campo e nas cidades de interior. Isso provoca o movimento inverso: estimula pessoas que viviam nas cidades a voltarem para o campo”, reforça Luiz Eliezer Ferreira, técnico do Departamento Técnico Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR.

O economista Felipe Serigati, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), destaca um aspecto que ajuda a entender porque o campo tem sido uma alternativa cada vez mais viável: a renda. Enquanto o rendimento médio do brasileiro vem aumentando, em média, 0,9% ao ano, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a remuneração média do produtor tem avançado a 1,5% ao ano, conforme o Centro de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Cepea).

A geração de riquezas também tem crescido mais no campo. Ao longo da última década, o PIB aumentou 10,5% ao ano no interior do Paraná, enquanto o avanço foi de 7,7% na RMC. Além disso, Serigati aponta que os produtos do agro, por serem bens essenciais, estão menos suscetíveis a grandes oscilações de demanda. Em períodos de crise, esse fator dá mais segurança a quem investe na área.

“A renda média do agro aumentou em um ritmo mais intenso do que no restante da economia brasileira. A economia está mais dinâmica e mais aquecida no campo, atraindo mais pessoas. Isso aumenta a demanda por mão de obra e tende a pressionar para cima a remuneração”, explica Serigati. “Os produtos do agro têm uma elasticidade menor. Ainda que haja uma crise monumental, dificilmente as pessoas vão almoçar um dia sim, um dia não. Por outro lado, se sua renda dobrou, você pode até ter almoços mais sofisticados, mas não vai almoçar duas vezes num dia. Então, a demanda está preservada”, explica.



“Eu era empregado e passei a empreendedor”

**Leonardo Weinhardt,
produtor na Lapa**





Bons exemplos

Leonardo Weinhardt, de 32 anos, cresceu em meio rural. A família dele mantém uma propriedade na Lapa, na RMC, onde cultivam soja, milho e trigo e mantêm bovinos de cria. Com vocação para a lida no campo, ele cursou Agronomia, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba. Em 2011, com o diploma em mãos, decidiu continuar na capital paranaense, trabalhando em uma empresa de agricultura de precisão, onde atuava com venda técnica e prestava consultoria. Logo, no entanto, optou por voltar: em 2014, passou a administrar a propriedade da família, ao lado do pai.

“Mudou tudo. Eu era empregado e passei a empreendedor. Quando você começa a empreender, a responsabilidade pelo sucesso do negócio é 100% sua”, afirma Weinhardt, que passou a morar na propriedade. “Meu pai também está feliz. Antes de eu voltar, ele arrendava terras e ficava mais na pecuária. Com a minha volta, passamos a cultivar soja e crescemos na atividade”, conta.

Formada em administração de empresas e gerente de uma clínica médica em São Paulo, **Izonete Arsego**, a Iza, tinha uma carreira consolidada na maior cidade da América Latina. Estava, no entanto, cansada da vida estressante na megalópole, espremida entre o trânsito e o escritório. Após muito planejamento, em 2017, ela trocou a cidade grande pelo campo: voltou à pequena Nova Prata do Iguaçu, no Sudoeste do Paraná, onde nasceu e a família mantém um sítio. No interior, passou a se dedicar ao cultivo de morangos. Hoje, a produtora rural consegue ter uma renda maior, vivendo com mais qualidade de vida e perto dos pais.

“Eu vivi por 25 anos em São Paulo. Estava cansada daquela rotina, começando a ficar doente. Viver no campo não significa trabalhar com a enxada, como era 30 anos atrás. O interior não é mais um lugar em que as pessoas não têm acesso a nada e passam dificuldades. Pelo contrário. Estou feliz e, também financeiramente, melhor que na cidade. Valeu muito a pena”, garante a produtora, de 47 anos.

O casal **Débora Carolina Tille**, de 34 anos, e **Tiago Sorgatto**, de 38, também optou por regressar ao meio rural, após ter passado cinco anos em Quedas do Iguaçu, no Sudoeste do Paraná, e dois anos em Joinville, Santa Catarina. Nesse período, ela atuou como psicóloga e ele como bancário concursado do Banco do Brasil. Insatisfeitos com as respectivas carreiras, buscaram orientação profissional e descobriram que a vida no campo ia ao encontro de tudo o que procuravam. Assim, voltaram a Renascença, no Sudoeste do Estado. Lá, passaram a morar na zona rural e a cultivar morangos, em um negócio que não para de crescer, dando emprego a outras pessoas – sete mulheres trabalham na colheita, em dias alternados.

“Nós percebemos que, nas nossas carreiras anteriores, estávamos dando o nosso melhor, os melhores anos das nossas vidas, por algo que não era nosso. Como a família do Tiago já tinha propriedade rural em Renascença, nós pensamos em empreender em alimentos sustentáveis, produzidos de forma tecnológica e com poucos defensivos. Optamos pelos morangos”, diz Débora. “Aqui, temos tudo de que precisamos. Estamos felizes, trabalhando em algo nosso e com impacto social: a oportunidade que damos a outras mulheres e o resgate da agricultura sustentável”, acrescenta.

“Viver no campo não significa trabalhar com a enxada. Pelo contrário. Estou feliz e, também financeiramente, melhor que na cidade”

Izonete Arsego,
produtora em Nova Prata do Iguaçu



A qualidade de vida e o aspecto econômico também motivaram uma mudança na trajetória de **Ana Paula Rodrigues**. Aos 17 anos, ela optou por morar na cidade – em Nova Prata do Iguaçu –, indo trabalhar em um cartório. cursou administração de empresas e, posteriormente, passou a gerenciar uma empresa financeira, em Verê, também no Sudoeste do Paraná. Em 2018, decidiu, no entanto, fazer o caminho de volta e ajudar a família a implantar um alambique, com produção de cachaça artesanal. Agora aos 29 anos está satisfeita com a consolidação do negócio e com seu novo modelo de vida.

“Quando pequena, meus pais sempre falavam: ‘Estude e vá trabalhar na cidade’. Eram muitas dificuldades. Desde então, muita coisa mudou. O campo traz muitas oportunidades. Eu só me arrependo de não ter voltado antes. É uma oportunidade de negócio excelente, com boa geração de renda. Além do que, estou trabalhando em algo que é nosso”, ressalta Ana Paula. “Quando decidi voltar, meus amigos da cidade disseram: ‘Você é doída! Vai trocar o ar condicionado pela roça’. Na época, eu não respondi. O tempo está provando que eu estava certa”, acrescenta.

Especialização

Não basta, no entanto, simplesmente querer voltar ao meio rural. O modelo de negócio precisa ser rigorosamente estruturado. Como bons empreendedores, os produtores têm de conhecer a atividade a que querem se dedicar. Além de dominar as etapas produtivas da porteira para dentro, também precisam estudar o mercado. Por isso, a especialização é fundamental.

“A agropecuária não aceita aventureiros. É um setor que requer profissionalização extrema. É importante estudar a atividade, pensar na logística, nos fornecedores, no mercado. Esse é o primeiro passo. E o SENAR-PR pode ser decisivo nesse processo”, aponta Luiz Eliezer Ferreira, do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Izonete Arsego, por exemplo, passou por diversas capacitações, entre as quais, o Programa Empreendedor Rural (PER), da entidade, a partir do qual investiu no negócio. Hoje, a marca Império dos Morangos está consolidada, com três estufas de 50 m², 15 mil mudas plantadas, fornecendo a produção a municípios da região. Além disso, a empresa conta com quatro trabalhadores na colheita, que ganham por hora trabalhada.

“O PER fez eu me entusiasmar. A partir dali, levantei crédito, investi em novas estufas. Foi tudo planejado. O investimento é alto. Tem que se especializar”, diz. “E pensar num produto diferenciado. Eu vendo a qualidade e o frescor da fruta”, pontua.

Ana Paula Rodrigues estruturou o negócio de forma responsável, afinal, eram muitas dúvidas de como fazer. Ela também fez o PER, que deu segurança para planejar e investir no financiamento do alambique e da moenda de cana. Hoje, a Cachaça Nova Prata tem produção anual entre 20 mil e 25 mil litros. O próximo passo é otimizar a apresentação do produto, apostando em modelos de garrafas mais sofisticados.

“O meu projeto ficou entre os dez finalistas do PER de 2019. O curso abriu muito a minha visão sobre modelo de



1,5%

é o índice de aumento anual, em média, da remuneração do produtor rural, enquanto o rendimento médio do brasileiro é de 0,9%

negócio, planejamento estratégico. Foi o impulso para darmos continuidade ao negócio, com profissionalização”, afirma.

Apesar de ter cursado agronomia e ter concluído MBA, Leonardo Weinhardt sentiu necessidade de continuar se atualizando. Não deixou para depois: fez diversos cursos do SENAR-PR, do NR-31 ao Manejo Integrado de Pragas (MIP). Para ele, os saberes técnicos e o planejamento do negócio são imprescindíveis ao sucesso no setor agropecuário.

“Eu peguei uma grade antiga, defasada, na UFPR. Tem muitas técnicas e tecnologias de ponta que a gente não vê na faculdade”, diz. “Apliquei o MIP na propriedade e não fiz aplicação de inseticida. A gente economiza e agride menos o meio ambiente. Se o produtor não pensar assim, está fadado ao fracasso”, defende.

Rosana Pallu também recorreu à capacitação. Perdeu as contas de quantos cursos frequentou, ofertados pelo IDR e SENAR-PR, em parceria com a Secretaria de Agricultura de Mandirituba. Em dois anos, ela já dobrou o cultivo para 20 mil pés. Agora, está terminando o processo de criação dos rótulos e embalagens da marca São Francisco Salles. “A gente fez tudo com segurança. Para montar as estufas, fizemos todos os cursos, de adubação, de [controle] de pragas... Morango precisa de muito cuidado. Se descuidar, perde a horta inteira. O conhecimento técnico sempre esteve a nossa mão, para ajudar”, aponta.

O casal Débora e Tiago fez a transição ao campo com respaldo dos saberes especializados. Ainda em Joinville, contaram com apoio de um técnico, que tirou as primeiras dúvidas sobre o cultivo. Ainda hoje, continuam frequentando cursos e contando com consultorias para garantir a viabilidade do negócio. Começaram com uma estufa; agora mantêm três, com um total de 1 mil m² e 10 mil mudas, e com planos de expansão. A marca Dona Roça já é conhecida nos supermercados da região.

“Nós cultivamos em hidroponia, com poucos defensivos. É um produto sustentável. Então, nosso negócio demandou que a gente se especializasse”, aponta.



Comissões locais promovem capacitação profissional

A profissionalização do agronegócio é um dos pilares para o bom desempenho do setor, dentro e fora da porteira. Por isso, quando falamos em representatividade feminina no campo é fundamental debater o papel das mulheres enquanto profissionais. Afinal, o setor tem espaço para a participação feminina, mas exige qualificação.

É nesse sentido que a Comissão Estadual de Mulheres da FAEP pretende atuar. Uma das estratégias é a promoção de capacitação profissional por meio das comissões locais. Estes grupos, que já começaram a ser instituídos em alguns municípios, funcionam como uma extensão da Comissão Estadual. Por funcionarem dentro dos sindicatos rurais, as comissões locais podem atuar de forma mais direta, intermediando demandas e o diálogo entre as mulheres.

Em Teixeira Soares, na região Centro-Sul, esse tema vem sendo priorizado pela comissão local, que pretende promover a educação e o desenvolvimento profissional das mulheres. Segundo a coordenadora da Comissão Estadual e presidente do Sindicato Rural do município, Lisiane Rocha Czech, um dos objetivos do grupo é a realização de um curso de comunicação e treinamentos direcionados para o público feminino.

Outra proposta são as visitas nas cooperativas e propriedades referências na região, para que as mulheres possam conhecer diferentes perspectivas e trocar experiências, que podem ser aplicadas em seus negócios. Além da oportunidade para cultivar uma rede de contatos com outros produtores rurais.

“O grupo é formado por mulheres empreendedoras e que, por meio de suas vivências, entendem a importância da qualificação técnica e da melhoria de habilidades pessoais para o desenvolvimento de lideranças e bons resultados nos negócios. Vamos fortalecer as mulheres por meio do conhecimento”, afirma Lisiane Czech.

Atendimento personalizado ao produtor rural

Sindicato Rural de Bituruna, na região Sul do Paraná, aposta na diversidade de serviços oferecidos



Presidente Israel Julio Dóro está há 12 anos no comando da entidade

No Sindicato Rural de Bituruna, as necessidades do produtor são colocadas em primeiro lugar. Por isso, uma das prioridades da entidade é fornecer serviços que facilitem o dia a dia dos associados, proporcionando mediações e encaminhamentos e reduzindo processos burocráticos. O sindicato conta com parcerias para atender os produtores em diversas áreas, como arquitetura e segurança do trabalho, além de convênios médico e odontológico.

Mas, para chegar a essa extensa lista de serviços oferecidos, foi preciso realizar um investimento na reestruturação do Sindicato e no planejamento financeiro. O presidente Israel Julio Dóro conta que, quando assumiu o cargo em 2009, o sindicato estava enfraquecido e com as contas negativas. “Na verdade, quase não funcionava. Quando eu assumi a gestão, foi um recomeço”, afirma Dóro, que até então atuava como vice-presidente.

Por meio de parcerias, foram implementadas melhorias e novos serviços, principalmente para a aquisição de diferentes formas de renda. “Nós começamos a buscar alternativas para nos remodelarmos e não ficarmos dependentes da contribuição sindical. Eu e o presidente começamos a nos organizar, mas não é algo que acontece do dia para a noite, foi um trabalho de mais de 10 anos para conseguirmos essa estrutura que temos hoje”, aponta o gerente sindical da entidade, Ronnie Roque Venturin, que trabalha ao lado de Dóro desde a primeira gestão. Neste processo de reconstrução, segundo Venturin, o suporte técnico oferecido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR foi fundamental. “A gente tem feito um trabalho bem focado nos cursos do SENAR-PR para tentar trazer os jovens para mais perto do sindicato, algo que é um desafio”, revela Venturin.



Sindicato presta serviços como a emissão de documentos de Guia de Trânsito Animal e Cadastro Ambiental Rural

Além da parceria com a Federação, o presidente destaca o trabalho feito em conjunto com a diretoria, colaboradores e associados do sindicato. “A estruturação das mudanças foi um processo difícil, mas ao lado de pessoas que acreditavam no nosso trabalho, tudo ficou mais fácil. Fomos melhorando aos poucos e, lógico, procurando os associados. E, assim, nós fomos formando o sindicato, renovando e mostrando que temos capacidade para desenvolver um bom trabalho”, assinala.

Organização financeira

Hoje, a principal fonte de renda do Sindicato Rural de Bituruna vem da locação imobiliária. São dois imóveis, de 240 m² e 260 m², alugados para uma empresa do ramo madeireiro e para uma distribuidora de bebidas, respectivamente. Nos últimos dois anos, foram construídas quatro casas residenciais, com 70 m² cada, também destinadas para a locação. Os imóveis, que estão todos alugados atualmente, possuem garagem privativa, sala, cozinha, dois quartos, banheiro, lavanderia e área de festas.

O espaço físico da entidade conta com três salas para a locação para uso profissional. Ainda, foi realizada uma reforma na sala de reuniões com churrasqueira, som, *data show* e internet.

O trabalho realizado ao longo da última década foi fundamental para estruturar o controle financeiro, formar caixa e estabelecer as prioridades do sindicato e seus associados.

“O que nós não sabemos, procuramos o conhecimento, mas nunca deixamos sem atendimento”

**Israel Julio Dóro,
presidente do Sindicato Rural
de Bituruna**

“Nós ouvimos os produtores e prestamos atenção no que eles procuram, e vamos nos adaptando conforme suas demandas e necessidades. O que nós não sabemos, procuramos o conhecimento, mas nunca deixamos sem atendimento. E mesmo o que nós não fazemos, procuramos indicar o certo para que o produtor não perca tempo”, assegura o presidente.

Em relação à organização financeira, o líder sindical afirma que, desde que começaram a reestruturação da entidade, não houve mais problemas. A pandemia trouxe algumas dificuldades, mas não chegou a abalar o planejamento. “Nós sempre procuramos nos precaver e trabalhar com garantia. É pé no chão e segurança”, complementa Dóro.



Associados da entidade têm à disposição convênios com médicos, dentistas, farmácias e outros serviços

Prestação de serviços

As salas disponíveis para locação dentro do Sindicato Rural de Bituruna atualmente são ocupadas por escritórios de arquitetura, engenharia agrônômica, segurança do trabalho e advocacia previdenciária. Estes profissionais também possuem parceria com o sindicato para atendimento dos produtores e descontos nos serviços oferecidos. “Nós procuramos agregar tudo que o produtor precisa na área rural. Se não temos, indicamos alguém para o serviço”, destaca o gerente sindical.

Outro destaque está nos convênios, que contam com aproximadamente 250 médicos nos municípios de Bituruna, Guarapuava, União da Vitória e Porto União (município de Santa Catarina que faz divisa com União da Vitória), além de dentistas, farmácias, laboratórios de análises clínicas e escritórios de advocacia criminal, previdenciária, trabalhista e tributária, com descontos que variam entre 20% e 50%. Há, ainda, uma parceria com a Prefeitura de Bituruna para mediações de exames e consultas realizados pelo sistema municipal de saúde.

O Sindicato Rural de Bituruna também atua com a prestação de serviços para elaboração e emissão de documentações, como Guia de Trânsito Animal (GTA), Cadastro Ambiental Rural (CAR), Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), Certificado de Cadastro de Imóvel Rural (CCIR), Imposto Territorial Rural (ITR), Cadastro de Atualização do Rebanho, Declaração de Imposto de Renda, além de contratos, procurações, defesas ambientais (estadual e federal), entre outras demandas.

Um diferencial é a realização de encaminhamentos e consultas de benefícios do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), como aposentadoria, auxílio-doença e salário-maternidade. Estes serviços são destinados não apenas aos associados, mas também seus dependentes e funcionários. Ainda, o sindicato realiza consultas e encaminhamentos de IPVA, DPVAT e licenciamento anual de veículos.

Em paralelo, a entidade aposta na modernização de serviços, como o uso do Pix (novo meio de pagamento disponibilizado pelo Banco Central para fazer transferências de forma rápida e instantânea) para pagamento da anuidade, divulgação de informações pelas redes sociais e uso do *WhatsApp* para atendimento dos sócios.

Associados

A entidade, que chegou a atingir a marca de mil sócios há algumas décadas, passou pela crise que derrubou para menos de 70. Hoje são cerca de 200 associados, mas as expectativas são que esse número continue crescendo. Além dos sócios, a estimativa do gerente sindical é de que os beneficiados do sindicato chegam a 1,2 mil pessoas, se incluir os familiares e outros produtores que procuram os serviços e convênios oferecidos.

200

associados fazem parte do quadro do sindicato, sendo que mais de 1,2 mil pessoas são atendidas pelos serviços e parcerias

Prêmios da categoria Agrinho Solos

Na última semana de junho, os colégios agrícolas de Campo Mourão, região Noroeste, e Rio Negro, na região Sudeste, receberam, do Sistema FAEP/SENAR-PR, equipamentos como premiação do Programa Agrinho 2019. Na ocasião, os supervisores da entidade, Josiel do Nascimento e Alexandre Marra, fizeram a entrega aos diretores dos colégios, Cléo Cesar Camilotto e Márcio Castelhana, dos instrumentos que serão utilizados pelos alunos em aulas práticas: trados – tipo holandês, trena de 30 metros, clinômetro digital, estufa para secagem de solo, GPS portátil e jogo de peneiras para análise granulométrica. Ainda, outros dois colégios agrícolas premiados, de Clevelândia e Apucarana, vão receber o mesmo kit de instrumentos em julho.

O Agrinho Solos é uma categoria do Programa Agrinho, unindo o Agrinho e o Programa Integrado de Conservação do Solo e Água do Paraná (Prosolo) para trabalhar a consciência das futuras gerações sobre a importância da conservação de solo e água.



Entrega dos equipamentos em Campo Mourão



Em Rio Negro, instrumentos serão utilizados pelos alunos

Operação Declara Agro

No dia 30 de junho, a FAEP e a Federação de Agricultura e Pecuária de Santa Catarina (Faesc), em parceria com a Receita Federal, realizaram uma videoconferência para esclarecer pontos da Operação Declara Agro. Na ocasião, 100 sindicatos rurais do Paraná e 80 de Santa Catarina participaram do evento *online*.



Geada no Paraná

A geada que atingiu diversas regiões do Paraná nos últimos dias do mês de junho impactou diversas culturas agrícolas, principalmente milho, café e hortaliças. De acordo com o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), os prejuízos só serão quantificados na segunda quinzena de julho. Mas haverá impactos nas cadeias de grãos e também pecuárias, por conta do impacto nas áreas de pastagens.

Falecimento

No dia 30 de junho, Ronaldo Casado Figueiredo, presidente do Sindicato Rural de Abatiá, no Norte Pioneiro, faleceu em decorrência de complicações causadas pela Covid-19. Figueiredo estava à frente da entidade desde 2005 e havia sido reeleito para mais um mandato em dezembro de 2018. No dia 7 de julho, o engenheiro agrônomo de Campo Mourão e instrutor do SENAR-PR Fabrício Casali também faleceu em decorrência da Covid-19. Casali ficou internado por 40 dias em um hospital de Campo Largo, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Por muitos anos Casali fez parte do quadro de instrutores do SENAR-PR e ajuda a capacitar milhares de produtores e trabalhadores rurais. O Sistema FAEP/SENAR-PR lamenta o falecimento de Ronaldo Figueiredo e Fabrício Casali e deixa registrado as condolências à família e amigos e os agradecimentos pela contribuição ao desenvolvimento do setor rural do Paraná.



LAPA

MIP SOJA

O Sindicato Rural da Lapa encerrou, no dia 21 de maio, o curso “Manejo Integrado de Pragas – Inspetor de Campo – Soja”. O instrutor Caetano Benassi capacitou 16 participantes.



JURANDA

COMUNICAÇÃO

O Sindicato Rural de Juranda realizou, entre os dias 19 e 27 de abril, o curso “Comunicação e técnicas de apresentação” com a instrutora Luciane Lousano Pimental. Um grupo de 10 pessoas participou do evento.



IPIRANGA

MORANGUEIRO

Entre os dias 24 e 29 de abril, o Sindicato Rural de Ipiranga realizou o curso “Morangueiro – cultivo em substrato”. Ao todo, dez pessoas foram capacitadas pelo instrutor Caetano Benassi.



PALOTINA

NR 31.8

O instrutor Everton Debertolis ministrou o curso “Trabalhador volante da agricultura – aplicação de agrotóxicos – NR 31.8” para dez pessoas no Sindicato Rural de Palotina. O treinamento aconteceu de 27 a 29 de abril.



UBIRATÃ

PÁ CARREGADORA

O Sindicato Rural de Ubatã realizou, entre os dias 3 a 7 de maio, o curso “Trabalhador na operação e na manutenção de pá carregadora – NR 31.12”. O evento realizado na fazenda Elisa Rosseto foi ministrado pelo instrutor Claudio Rodrigues da Costa. Dez colaboradores fizeram o treinamento.



LONDRINA

MORANGUEIRO

Foi realizado o curso “Morangueiro – cultivo em substrato”, entre 3 e 7 de maio, em Londrina, na propriedade Sitio Kasuya. A capacitação foi viabilizada por uma parceria da Universidade Estadual de Londrina e o Sindicato Rural de Londrina. O instrutor Eder Paulo Arrabal Arias treinou dez pessoas.



CAMPINA DA LAGOA

NR 31.8

O instrutor Mauro Moreira ministrou o curso “Trabalhador volante da agricultura – aplicação de agrotóxicos – NR 31.8” para oito pessoas no Sindicato Rural de Campina da Lagoa. O treinamento aconteceu de 17 a 19 de maio.



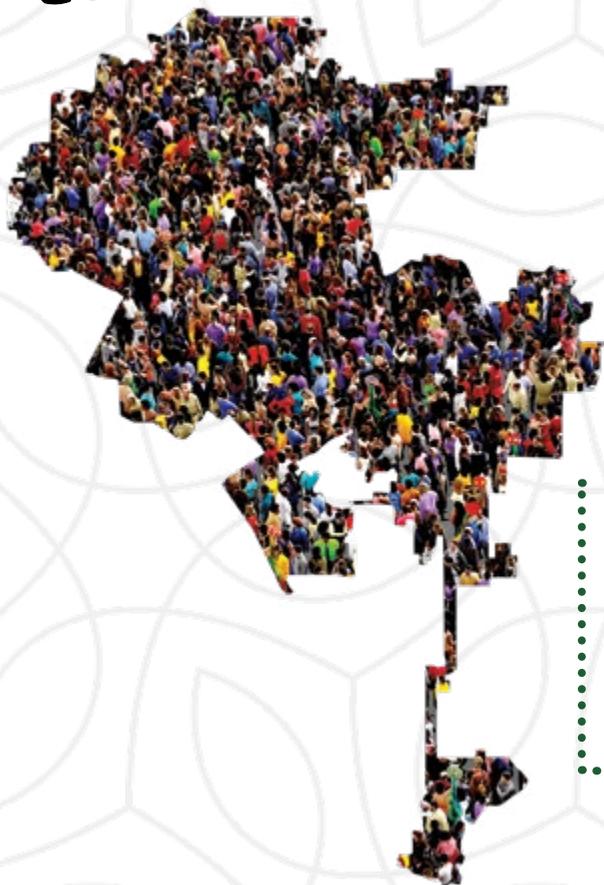
CASCAVEL

RÉDEAS

Em parceria com a Cavalaria do 6º Batalhão da Polícia Militar de Cascavel, o Sindicato Rural de Cascavel ofereceu o curso “Trabalhador na equideocultura – rédeas” para oito participantes. O treinamento foi ministrado pelo instrutor Rodrigo Augusto Bittencourt Pereira, entre os dias 10 a 14 de maio.

Sindicais

VIA RÁPIDA



Coração de baleia

Você sabia que é possível ouvir os batimentos do coração de uma baleia azul a dois quilômetros de distância? Isso porque o órgão é o maior do reino animal, pesando em torno de 180 quilos, o mesmo que um piano.



O mundo em Los Angeles

Um estudo divulgado pela revista *National Geographic* afirma que, se colocarmos toda a população mundial agrupada ombro a ombro, ela poderia caber nos 500 km² da cidade norte-americana de Los Angeles. Estamos falando de 7,5 bilhões de pessoas.

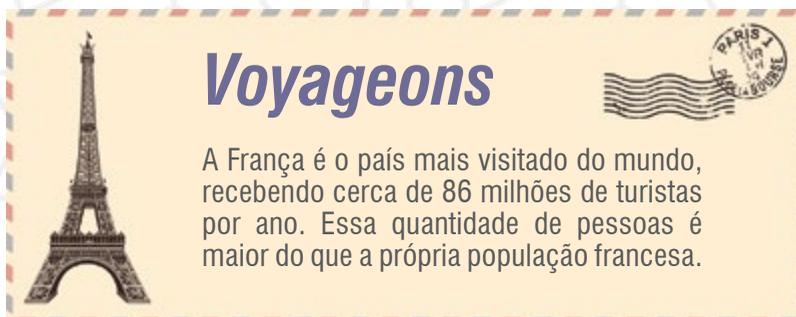
Gêmeo desconhecido

Existe um site chamado *Twin Strangers*, que mostra pessoas em todos os lugares do mundo que possam ser idênticas a você. O site é perfeito para quem quer encontrar um sócio. A eficácia da ferramenta é de 75%. Isso porque um fator determinante é que o “seu gêmeo” também se cadastre para ser encontrado.



Olhos cansados

Depois de um longo dia de expediente em frente a uma tela de computador, é normal que a pessoa sinta fadiga nos olhos. Isso acontece porque piscamos cerca de 66% menos que o normal, o que afeta a lubrificação ocular, fazendo com que o cérebro emita um sinal para que fiquemos um pouco longe das telas e/ou com os olhos fechados. Por isso, é importante uma pausa de 10 minutos a cada uma hora de trabalho em frente ao monitor. Os olhos agradecem.



Voyageons

A França é o país mais visitado do mundo, recebendo cerca de 86 milhões de turistas por ano. Essa quantidade de pessoas é maior do que a própria população francesa.



Teatro 2.0

Pela primeira vez na história, um robô escreveu uma peça de teatro. A peça “IA: Quando um robô escreve uma peça” foi escrita pela inteligência artificial chamada GPT-2, desenvolvida pela OpenAI, uma instituição de pesquisa fundada por Elon Musk, CEO da Tesla. O roteiro conta a história de um robô que se aventura no mundo em busca de respostas sobre as emoções humanas e a vida social.

Ilhas Canárias

O arquipélago da Espanha tem esse nome não por causa do passarinho canário. O nome está relacionado a quantidade de cães que haviam nas ilhas quando foram exploradas no período do império greco-romano. Essa informação consta nos registros de Juba II, rei da Númídia, que descobriu o arquipélago no século I a.C.

Geografia



- A professora pergunta para o Jorge:
 - Onde fica a América?
- E o Jorge responde, apontando no mapa.
- A professora então pergunta para o Pedrinho:
 - Quem descobriu a América?
- E Pedrinho responde:
 - Foi o Jorge, professora!



UMA SIMPLES FOTO





Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

